

EDITORIAL

Quando se observa a turbulência dos diversos cenários em que estamos envolvidos, praticamente em todo o mundo, uma das muitas indagações, na perspectiva da análise científica, certamente consiste em: quais são, ou serão, seus impactos na produção acadêmica? Esta indagação-mestre deve ser, naturalmente, desmembrada em quatro níveis que, ainda que genericamente, podem ser sistematizados nos quatro polos da concepção e da produção do conhecimento científico. Esta concepção quadripolar determina e impõe densidade reflexiva à condição da historicidade da ciência. A historicidade não se coloca como uma mera contingência da evolução do conhecimento, mas se fundamenta como sua razão de ser. Sujeitos e objetos da ciência manifestam-se como elementos da eidéica científica. Assim, contingências da produção científica implicam a interatividade plena entre sujeitos e objetos, sendo que suas evoluções e revoluções mais significativas são de ocorrência não claramente esperadas. Afinal, “Para chegar ao que não sabes, há de ir por onde não sabes”, conforme diria São João da Cruz, ou “Caminante no hay camino, se hace camino al andar...”, na interpretação de Machado. Assim se constrói a historicidade, ou o criacionismo científico, nos eternos desafios das contextualizações, invalidações, refutações ou testes, conforme Popper, ou mesmo no contexto da evolução nos meandros da anarquia epistemológica, ou pluralismo metodológico, conforme Feyerabend, ou por quaisquer outras exegeses da evolução científica.

Na concepção, ou atributo epistemológico, em que dimensões os cenários podem proporcionar direcionamentos para novas fronteiras sobre as possíveis razões de ser do conhecimento científico? Desde outra perspectiva, até que ponto é possível vislumbrar uma ampliação destas fronteiras, face às novas configurações no funcionamento das sociedades e de suas instituições? Em que contextos os construtos da dialética e da fenomenologia haverão de indicar novas formas de pensar e de produzir conteúdos científicos?

No segundo nível, ou dimensão teórica, algumas indagações possivelmente pertinentes seriam consistentes em: em que intensidade estariam suas estruturas, em cada campo do conhecimento, propensas a receber construtos significativos e capazes de adicionar contributos relevantes, de modo a avançar o conhecimento, face às novas realidades ambientais? Até que ponto as novas configurações das realidades contingenciais do nosso tempo haveriam de estabelecer, significativamente, a construção de novos patamares nas estruturas do conhecimento, especialmente no campo da gestão? Ou, estariam os múltiplos ambientes turbulentos, proporcionando condições férteis para a agregação de conteúdos analíticos que, efetivamente, adensem substantivamente cada campo do conhecimento?

Como terceira dimensão, é possível indagar em que contextos e magnitudes os cenários turbulentos da atualidade apresentam novas tipologias e morfologias, novos sistemas funcionais e novos modelos estruturais, idealizados na perspectiva do pensamento científico. Ou, estariam as realidades turbulentas do nosso tempo, aparentemente singulares, propensas a proporcionar novas configurações

estruturais, na lógica da pesquisa científica, significativamente discriminantes das estruturas mais clássicas, e mais bem fundamentadas?

Sob a perspectiva da quarta dimensão, ou das tecnologias de produção do conhecimento, ou modos de investigação científica, a indagação-mestre poderia ser consistente em: estariam os cenários turbulentos propensos à criação e implementação mais acelerada de novos recursos substantivamente consistentes às novas fronteiras investigativas? Ou, a criatividade dos pesquisadores estaria mais fértil, face a possíveis novas ofertas de recursos metodológicos de pesquisa, para atender às novas realidades?

Em síntese, em que intensidade a turbulência dos diversos ambientes sociais, econômicos, e políticos, entre outros, estariam a demandar, para seu conhecimento, novas fronteiras na perspectiva da pesquisa científica? Ou, ainda, será que inquietações desta natureza não são pertinentes, pelo menos nestes tempos?

Certamente a mídia científica está na expectativa de receber produções indagativas e propositivas que contribuam efetivamente à elucidação e aos novos questionamentos multitemáticos das realidades turbulentas, notadamente dos nossos tempos. Elas podem ser definidas como os espelhos que refletem os olhares dos analistas . . .

A Equipe Editorial da Revista Gestão & Tecnologia está comprometida com o propósito de gradualmente desenvolver e consolidar este periódico multitemático na área de gestão, como um veículo de alcance internacional. Para isto, já o indexou em diversas bases de dados nacionais e internacionais. Com este propósito, este número da Revista Gestão & Tecnologia, em edição especial no sistema Double Blind Review, correspondente ao volume 17, número 4, traz nove artigos para a leitura e apreciação de seus leitores. São contribuições que atendem a um chamado especial para se discutir um tema inquietante no contexto brasileiro dos nossos tempos. O tema eleito para discussões foi: “A Ciência, Tecnologia e Inovação como determinantes do desenvolvimento”.

Assim, o temário é aberto com a apresentação do artigo intitulado “Instituições e políticas para o desenvolvimento tecnológico regional na nova economia do conhecimento: uma análise para o Brasil utilizando o modelo da tripla hélice”. Nele o autor sustenta que o crescimento da riqueza e do bem-estar em países ou regiões na nova economia do conhecimento só pode ser alcançado por meio da promoção da cultura da inovação e da competitividade dos empreendimentos e das instituições técnico-científica que lhes são associadas, indicando, ainda, como usar o modelo da tripla hélice para facilitar o desenvolvimento de sistemas de inovação em outras regiões do país. A segunda contribuição se refere a “Gestão da ciência, tecnologia e inovação: as perspectivas do Brasil, face ao contexto internacional”, partindo-se da premissa de que “as economias globais aliadas a mercados dinâmicos e complexos têm lançado às nações uma demanda por proatividade na busca da vantagem competitiva, característica que impulsiona o crescimento econômico e torna uma nação competitiva no cenário mundial”. Para os autores, “alcançar vantagem competitiva, no entanto, exige esforços direcionados para Políticas de Gestão da Ciência, Tecnologia e Inovação, as quais, se bem implementadas, permitem a construção de Sistemas Nacionais de Inovação (SNI) fortes, facilitando a formação de empresas inovadoras” e concluem que “o país, embora um dos mais ativos no continente latino-americano, não conseguiu ainda uma posição de destaque como inovador. Um dos fatores que mais determinam esse posicionamento é a baixa interação entre Universidades, Empresas e Governo como peças fundamentais e harmonicamente atuantes para a promoção da inovação”.

O estado do tema nos Estados Unidos é tratado no artigo: “Inovação, Ciência e Tecnologia nos EUA: uma perspectiva sociocultural”, em que o autor coloca em relevo que “a bricolagem empresarial e o comunitarismo protestante facilitaram a criação rápida e a difusão comercial das inovações”, constatando a aparente frequência do modelo antigo de transação em ambientes de alta tecnologia naquele país. Abordando o estado do tema na Europa, apresenta-se a contribuição “Ciência, Tecnologia e Inovação na Europa: uma análise do desempenho dos sistemas de inovação, com base em indicadores”. Neste contexto, a autora constata que “é possível observar grandes esforços dos países membros para criar infraestrutura de ciência, tecnologia e inovação, tanto no nível nacional como regional. Para dar suporte a uma política voltada ao incentivo à inovação, foram criados pela UE vários relatórios de avaliação, entre eles o European Innovation Scoreboard (EIS)”. O artigo tem o objetivo de analisar o desempenho dos sistemas de inovação da UE, com base em indicadores, e conclui que “o desempenho em inovação da UE continua a crescer, especialmente devido aos investimentos financeiros e em recursos humanos, ao ambiente propício à inovação e aos sistemas de inovação atraentes”.
Objetivando a contextualização do campo da ciência, tecnologia e inovação no Brasil e no mundo, é apresentado o trabalho intitulado “Panorama da Inovação no Brasil: Análise baseada na Perspectiva da Competitividade Global”. Nele os autores analisam a inovação no Brasil na perspectiva dos estudos globais de competitividade, com base em dados do Global Competitiveness Report, investigam as limitações para a abertura de novos negócios no Brasil e propõe uma agenda de inovação baseada em investimentos em educação e na formação de uma cultura corporativa propícia à inovação. Outra contribuição que trata do tema da internacionalização da ciência, tecnologia e inovação, em uma abordagem bibliométrica, refere-se ao artigo “Ciência, tecnologia e inovação e internacionalização de negócios: estudo bibliométrico nas bases Web of Science e Scopus”. Neste artigo as autoras buscam identificar elos acadêmicos entre ciência, tecnologia, inovação e internacionalização de negócios, a partir da frequência e as formas como tais assuntos têm sido abordados pela academia, de forma conjunta e pareada. Elas destacam que não foi possível identificar, em quaisquer das buscas, autores, publicações ou periódicos que possam ser considerados referências em seus campos de estudo, sugerindo ainda que há muito o que ser produzido para que se possa conhecer melhor o interjogo de forças entre os quatro temas pesquisados.
Abordando temas específicos no contexto da ciência, tecnologia e inovação, são apresentadas as contribuições a seguir discriminadas. O primeiro artigo se intitula “A ciência de serviço e algo de um legítimo admirável mundo novo”, e partindo-se da premissa de que “complexas demandas de mercado e da sociedade levam empreendedores inovadores a lançar empresas baseadas no conhecimento, que mudam o modo de vida de muita gente”, os autores argumentam que “este artigo expõe e reflete sobre a Ciência de Serviços e seu entorno; apresenta as razões, a natureza e os impactos da Ciência de Serviço; sintetiza a LDS; explica a Internet das Coisas e as organizações baseadas em conhecimento; mostra a vanguarda da IBM nessa jornada; realça a pertinência dessa Ciência para o Brasil e estimula a adoção prática dessas perspectivas e da contribuição acadêmica para a evolução delas”, constituindo-se em substantiva contribuição aos propósitos deste periódico, nesta especial edição. O segundo artigo específico refere-se a “Governança colaborativa para pesquisa em saúde: uma análise do desenho do Programa Pesquisa para o SUS”. Os autores, partindo da premissa de que o Estado apresenta-se como um

agente fundamental no direcionamento dos rumos da inovação por meio do financiamento e da execução direta de pesquisa científica, particularmente no setor da saúde, além do fato de que riscos associados à própria natureza do processo inovativo, o trabalho objetivou analisar a formulação do Programa Pesquisa para o SUS: Gestão Compartilhada em Saúde (PPSUS) por meio da identificação dos elementos que compõem o desenho de sua governança, relacionando-os aos fatores condicionantes de resultado presentes no modelo teórico de governança colaborativa utilizado. Assim eles concluíram que “o desenho da governança do PPSUS contempla diversos elementos apontados pela literatura de governança colaborativa como boas práticas visando ao alcance de resultados, não obstante é preciso avançar na avaliação de sua implementação e de seus resultados em caráter regional”. O terceiro artigo aborda o assunto da inovação frugal, recebendo o título “Inovação frugal além dos países emergentes: o papel fundamental dos países desenvolvidos” e constata que a “inovação frugal não é mais relevante apenas para países emergentes ou para artefatos de baixa tecnologia”. Os autores examinam a literatura para propor alguns caminhos possíveis. Através de métodos qualitativos, como a análise semântica, eles argumentam que a “pesquisa para a modificação da matriz tecnológica de produtos, processos e arranjos organizacionais e o desenvolvimento de uma melhor compreensão do empreendedor frugal podem ser papéis fundamentais para que os países desenvolvidos contribuam para o desenvolvimento de inovação frugal”.

Assim, com estas contribuições à literatura, manifestamos nossos agradecimentos a todos os autores, avaliadores, colaboradores, leitores e, especialmente, à Fundação Pedro Leopoldo, mantenedora deste periódico.

Aguardando contribuições na forma de submissões de artigos, de avaliações sérias e consistentes com os propósitos deste periódico, de indicações dela a seus alunos e amigos, assim como de críticas contributivas, renovo os votos de boa leitura e de ótimas reflexões.

Boas festas e feliz ano novo a todas e todos,

José Edson Lara, Editor-Chefe

Maria Celeste Reis Lobo Vasconcelos, Editora Adjunta